

FESTA JUNINA

*** Roberto Rodrigues**

Neste mês acontecem as tradicionais festas juninas por todo este vasto interiorzão brasileiro. Em torno de uma fogueira acesa em uma pilha de grossos troncos de árvores secas recolhidas das beiras das matas, as famílias se juntam para celebrar São Pedro, São João e Santo Antonio. E após a procissão, que é o começo de tudo, erguem os mastros com as efígies dos santos homenageados, aos quais oram pedindo por safras mais fartas.

Mas além do forte fundo religioso, divertem-se a valer: com o pau de sebo, fino tronco ensebado que as crianças lutam para escalar em busca de um envelope com uma nota de 10 reais na ponta; com a caça ao leitão todo untado com óleo queimado, impossível de agarrar; com o quentão, a pipoca, o milho e a batata doce assados na brasa, o algodão doce, as broas, pamonhas, curau; e sobretudo com a sanfona que toca sem parar, preparando o povo para o clímax da festa, que é a dança da quadrilha, para comemorar o casamento na roça, com noivinha tímida já barrigudinha, noivo assustado com o sogrão zangado e o padre embasbacado. A quadrilha tem origem francesa, veio para o Brasil durante a Regência e ganhou o interior, usando as expressões abasileiradas do “balancê”, “changê” de damas, “anarriê” (en arrière, para trás). Com um ritmo bem marcado e melodia que não muda, os pares vão evoluindo, formando o carrossel, a grande roda, a coroa de rosas, e terminando com a saudação geral.

Quem não viveu uma autêntica festa junina perdeu um pedaço da pureza da alma do povo brasileiro. E não viveu as emoções do correio elegante, coração disparando com as primeiras mensagens da suposta paixão definitiva: a rapaziada se exibindo nos torneios e as meninas, enfeitadas com seus vestidinhos de chita, fofocando em rodinhas, na evolução dos romances que nasciam e cresciam, ao som das bombinhas, rojões, gente fugindo dos busca-pés, pulando a fogueira no final da noite, e, é claro, beijos roubados antes da alvorada.

Beleza pura!

Hoje isto está um pouco estilizado, a tradição se cultiva em festas armadas na cidade grande, longe das raízes, perdidos no tempo, a começar pelos convites escritos num dialeto que já nem se fala mais.

O caipira já não existe, não daquele jeito. O Jeca Tatu já era. O caboclinho reservado de outrora foi substituído por um empresário rural moderno, ligado no computador para saber o que acontece na BM&F ou nas bolsas de Chicago e Tóquio. Usa a tecnologia tropical mais moderna do planeta para manter competitivo o agronegócio brasileiro, ganhando mercados e criando empregos e renda em todos os setores da economia; está preocupado com os altos custos de produção e a falta de recursos para o crédito rural neste ano em que temos uma chance rara de crescer num mercado mundial carente de alimentos.

Este produtor rural moderno e eficiente, construtor da riqueza interior do Brasil, todavia, ainda tem seu bucolismo, e sua alma segue generosa e aberta. Ainda sonha com seu país melhor e vida digna para todos, especialmente para os trabalhadores que labutam no campo, sol a sol. E ainda se emociona com os cânticos da procissão de São Pedro, e, com a família arrumada, leva as filhas, os netos, todo mundo, para se divertir com a vizinhança, embalados todos pela sanfona que toca noite a dentro, varando as frias noites de junho na esperança de um verão pródigo.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**